

PLACAR



N.º 810
29/NOVEMBRO/85
Cr\$ 10 000



Vão começar as grandes finais

A GUERRA PAULISTA

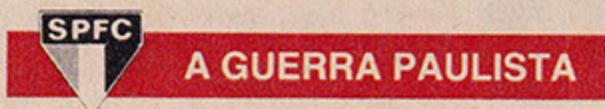
- A Portuguesa, com a melhor campanha, quer repetir a dose
- O São Paulo promete mostrar outra vez toda a sua força
- O Guarani, em silêncio, pode reprisar o feito de 1978
- O Corinthians comemora um milagre e já sonha com outro

ACRE, ALAGOAS, AMAPÁ, AMAZONAS, BAHIA, CEARÁ, MARANHÃO, MATO GROSSO, PARÁ, PARAÍBA, PERNAMBUCO, PIAUÍ, RIO GRANDE DO NORTE, RONDÔNIA, RORAIMA E SERGIPE. Cr\$ 13 500 - 0563



NICO ESTEVES

Careca: os gols do artilheiro são-paulino poderão decidir o título



São Paulo, o maior favorito

Há razões de sobra para otimismo: o melhor ataque, a melhor defesa, as rendas...

No começo do ano passado, preocupado com suas finanças e com os preços exorbitantes dos escassos craques do mercado brasileiro, o São Paulo decidiu investir nos jovens futebolistas formados dentro do próprio clube. "Foi a mais acertada aposta do time", gaba-se o presidente Carlos Miguel Aidar. De fato, além de forjar uma fornada de candidatos à Seleção Brasileira, o São Paulo foi a grande sensação do Campeonato Paulista, vencendo o segundo turno e chegando à fase final como um dos favoritos ao título.

Aos ex-juvenis formados no Morumbi, como Müller, Silas, Márcio Araújo e Sídney, além de alguns jogadores mais experientes, como Oscar e

Dário Pereyra, o São Paulo agregou algumas contratações que custaram 850 milhões de cruzeiros. Vieram o goleiro Gilmar, do Internacional de Porto Alegre (380 milhões); o lateral Zé Teodoro, do Goiás (350 milhões); e o centroavante Freitas, do Nacional de Manaus (120 milhões). A única exceção a essa filosofia de investir em jovens promessas de outras equipes foi a contratação de Falcão, em agosto passado. Mas ele nada custou aos cofres do clube.

Pouco menos da metade desse investimento o clube recuperou apenas com o empréstimo de alguns jogadores, como o goleiro Barbiroto, os atacantes Marcão, Agnaldo e Gílson, e

os zagueiros Paulo Roberto e Bôni. Com uma folha de pagamento baixa para os padrões de um time grande — 220 milhões de cruzeiros —, o São Paulo se beneficiou dos espetáculos de sua equipe assumindo a liderança nas arrecadações (4,3 bilhões de cruzeiros, com média de renda por jogo de 113 milhões de cruzeiros). O entusiasmo dos fãs foi revigorado pela excelente campanha e mais de 1 000 títulos de sócios foram vendidos, o que proporcionará ao clube do Morumbi outros 3,3 bilhões de cruzeiros. Com isso, a dívida do São Paulo, que era de 1,2 bilhão de cruzeiros em janeiro, não subiu. "Mas, com a inflação atual, ela é 200% menor agora", raciocina o presidente Aidar.

Se o balanço financeiro foi excelente e a dívida não é mais uma preocupação, os números do futebol também foram brilhantes. Em 38 jogos, o São Paulo teve 20 vitórias e 11 empates, perdendo apenas sete vezes. Ficou com a segunda campanha, apenas um ponto atrás da Portuguesa, porque o time parece ter relaxado nas últimas rodadas, quando a classificação já estava garantida. Teve o ataque mais positivo, com 63 gols, e a defesa menos vazada, que tomou 26 gols. De quebra, Careca foi o artilheiro, com 19 gols, seguido pelo companheiro Müller, com 16 gols.

TRANQUILIDADE E GARRA

"Apresentamos um futebol veloz, criativo e envolvente", sustenta o técnico Cilinho, o maestro de toda a reformulação são-paulina. Um especialista em revelar jogadores, ele chegou ao Morumbi junto com os ventos da renovação, no ano passado, prometendo resultados apenas para 1986. Ao mesmo tempo que a diretoria teve o mérito de amparar Cilinho diante das pressões da torcida, o técnico teve paciência para lançar os garotos, conversar sempre com o grupo e trabalhar quase em tempo integral. Ele acabou montando um time que corre os 90 minutos em busca do gol e foi responsável por alguns dos melhores momentos do campeonato. Com um currículo

O perigo de ter Falcão no banco

O presidente Carlos Miguel Aird decretou que, a partir desta semana, nenhum assalariado do São Paulo discutirá o caso Falcão no Morumbi. Há um temor de que qualquer polêmica nessa delicada área prejudique os nervos do elenco na reta de chegada do campeonato. O próprio Falcão, que concordou em sentar no banco durante as finais — ele não aceitava a reserva —, não está disposto a cumprir o decreto. “Não fiz nenhum voto de silêncio. Se me perguntarem, eu farei”, sustenta.

Quinta-feira passada, o termômetro do Morumbi atingiu sua mais alta temperatura. Ao embarcar para Porto Alegre, a negócios de sua griffe, Falcão confidenciou aos amigos: “Não sei se volto ao São Paulo”. Inconformado com a falta de chances de jogar como titular e ga-

nar ritmo, Falcão dizia-se sem condições psicológicas para continuar no São Paulo. Como ele ainda não recebeu nenhum dinheiro do clube — o contrato reza que ele deve receber 93 000 ORTNs, ou seja, 5,9 bilhões de cruzeiros, até julho de 1986 —, Falcão estava disposto a abrir mão desse dinheiro e rescindir o contrato. Após exaustivas reuniões com a diretoria do clube, ele decidiu aceitar o banco.

Ter um Falcão, mesmo fora de forma, no banco mexe com os nervos de quem está jogando. “Isso abala a equipe, é lógico”, diz Márcio Araújo, o mais visado para ceder o posto ao famoso reserva. “E, se eu fosse Cilinho, colocaria Falcão no meu lugar”, completa Márcio Araújo, demonstrando que o São Paulo precisa de um bom trabalho psicológico para superar o impasse.

lo recheado de revelações e de clubes que chamam a atenção por suas exhibições, falta a Cilinho, no entanto, um título de campeão. Por isso não quer desperdiçar a oportunidade e aposta alto no São Paulo. “O campeão paulista terá de ter tranquilidade e muita garra”, sentencia. “E o São Paulo possui estas duas qualidades.”

Nas últimas semanas, porém, o sossego do Morumbi foi afetado pelo ca-

so Falcão (*ver quadro*) e isso parece ter mexido com os nervos da equipe. Entretanto, após algumas trepidações, o São Paulo parece ter recuperado a calma na última rodada, ao vencer o Noroeste por 2 x 0, domingo passado no Morumbi. Nos vestiários, toda a tensão parecia ter desaparecido e o lateral Zé Teodoro, 22 anos, resumia o espírito do grupo. “Este título ninguém nos tira”, prometia. □

Como está o São Paulo

Pontos fortes	A velocidade em ir ao ataque, a eficiência da dupla de ataque Müller-Careca e a segurança dos zagueiros Darío e Oscar são grandes trunfos
Pontos fracos	O meio-campo é deficiente na marcação, sobrecarregando os laterais, e complica-se na armação de ataques se marcado sob pressão
Filosofia do treinador	Cilinho manda jogar sempre no ataque, sem recorrer à violência. É um personalista, mas normalmente respeita o interesse do grupo
Tradição	Em seus 50 anos, o clube disputou 26 vezes o título, vencendo 13. Nos últimos 15 anos, disputou nove vezes, das quais venceu cinco
Estado físico	Os jogadores vêm conseguindo manter, na maior parte dos jogos, o mesmo ritmo combativo nos dois tempos. As contusões têm sido raras
O que pode desequilibrar	O clima envolvendo a disputa Cilinho x Falcão é negativo. Mas alguns jogadores, como Darío e Oscar, sempre crescem de produção em finais

VERÃO



TROPICAL



LOS ANGELES



SOL DE VERÃO



O melhor calção do Brasil.





NELSON COELHO

Chicão, 36 anos: um veterano em batalhas com fôlego e disposição de garoto

CHICÃO

O herói do sertão paulista

Sua coragem e garra levaram o Mogi-Mirim às finais da grande guerra que é a Segunda Divisão

Durante sete meses, a cada ano, uma verdadeira guerra é travada no interior paulista. Paixões, políticos, usineiros, fazendeiros, fanáticos, abnegados, espertas raposas e especialmente o orgulho de dezenas de cidades envolvem-se nesse jogo. Ao todo, 52 times de futebol lutam com todas as forças pelo sonho de chegar à Primeira Divisão. Assentada a poeira dos combates, restaram agora apenas quatro equipes nas finais: Taubaté, Mogi-Mirim, Tanabi e Novorizontino — e apenas duas serão promovidas. Chegar até aqui já foi uma proeza e cada time, ao montar seu esquadrão para a

disputa da Segunda Divisão, sabe que mais do que jogadores de futebol é preciso contratar homens de garra, corajosos, gente disposta a tudo. Heróis capazes de se agigantar nos momentos decisivos.

Ao colocar como alvo de sua mira uma vaga entre os maiores times do futebol paulista, o Mogi-Mirim decidiu que precisava de um homem desse porte para comandar suas forças. E foi buscar Francisco Jesuíno Avanzi, o ex-são-paulino Chicão, médio-volante de 36 anos. Em seu currículo constava sua inesperada escalção pelo técnico Cláudio Coutinho na Copa do Mundo

de 1978, no lugar de Toninho Cerezo, para deter a Argentina na chamada "Batalha de Rosário". Se o ataque brasileiro não funcionou, Chicão cumpriu sua parte, pois o jogo terminou em 0 x 0. Pouco antes, ele se portara como um gigante na conquista do único título brasileiro pelo São Paulo, em Belo Horizonte, diante do Atlético Mineiro, pelo qual depois iria jogar. Hoje, no Mogi-Mirim, o grande Chicão honra esse currículo.

"Ele é uma barreira humana à frente da defesa", elogia o técnico João Magoga, cuja equipe sofreu apenas 13 gols em 30 jogos e é a menos vazada do campeonato. "Chicão impõe respeito aos adversários, orienta os novatos e o posicionamento da defesa", prossegue Magoga. Os companheiros fazem coro. "Os rivais não o respeitam pelo nome ou idade. É por causa de seu espantoso vigor mesmo", constata o zagueiro Roberto, um especialista em cortar bolas altas. O ponta-esquerda Silvinho, artilheiro da equipe, com dez gols, não fica chocado nem com os palavrões que ouve do veterano parceiro. "Quando ele xinga é porque alguma coisa está errada", diz, sabendo que a presença do médio em seu time é quase uma garantia para as canelas de um artilheiro. "Ele não hesita em defender um companheiro atingido deslealmente. O velho Chicão jamais foge do pau", sustenta.

SAÚDE DE FERRO

A fama de valente de Chicão é algo que se alastra por todos os campos nos quais ele mostrou seu futebol. "Ele tem uma qualidade dos vencedores: a força interior", pontifica no Morumbi o técnico Cilinho, que o conheceu na Ponte Preta, há mais de dez anos. Agora, com cabelos grisalhos, algumas rugas, marcas de extração dos meniscos nos dois joelhos e cicatriz de uma cirurgia de úlcera na barriga, o guerreiro mostra os sinais visíveis de que o tempo passou. "Tem uma saúde de ferro", impressiona-se o médico do clube, Francisco Suassuna Virgulino. "É como diz um ditado nordestino: se você não tem um velho em casa, compre um", filosofa o doutor. De fato, apesar de uma irresistível atração pela cerveja, o peso de Chicão continua o mesmo do começo da carreira: 86 kg. "Costumo perder 3 kg por jogo. Corro quase como um garoto", gaba-se ele. Neste caso, Chicão acumulou neste campeonato uma perda de 75 kg,

evidentemente recuperados, pois jogou 25 jogos dos 30 do Mogi-Mirim — 16 vitórias, 12 empates e apenas duas derrotas. Ficou de fora duas vezes por causa de suspensões, outras duas por contusão e uma por expulsão. Como se vê, Chicão está mais calmo: nos tempos do São Paulo, era um dos reis do cartão no futebol paulista.

Hoje, é o grande herói da temporada na cidade de 70 000 habitantes, a 161 km de São Paulo, que jamais esteve tão perto de obter sua ambicionada vaga para a Primeira Divisão. Maior salário do time, com ordenados em torno de 12 milhões de cruzeiros mensais, Chicão é também o líder dos companheiros fora de campo, no momento das reivindicações. O time gasta 80 milhões de cruzeiros mensais com o elenco e vem abrindo os cofres na reta de chegada: os prêmios chegaram a 1 milhão de cruzeiros nos últimos jogos da fase de classificação e agora devem triplicar. Se não bastasse, uma lista corre por toda a cidade para um gordo prêmio aos jogadores

caso o time suba. “Aqui se vive um clima de grande excitação”, constata o repórter do jornal local *Impacto*, André Luís Paes Leme. Nem o prefeito Luiz de Amoedo, do PMDB, escapa da órbita de Chicão, buscando sua companhia várias vezes — afinal, ele agora é grande trunfo político. “Será ótimo subir com um time que nunca esteve lá”, delicia-se Chicão.

COMO FALCÃO

Sua família só pode acompanhar suas aventuras de longe, em Piracicaba, terra natal do jogador. A mulher Márcia e os filhos Ariane, Alexandre e Júnior, sob a vigilância do fiel cão pastor “Minelli” — irônica homenagem a seu ex-técnico, que aliás tem um cachorro chamado “Chicão” —, aceitam o sacrifício e a saudade, pois sabem que Chicão ficaria infeliz longe do futebol. Ele agora abandonou o hábito espartano de dormir no chão, na tentativa de se livrar de uma dor no nervo ciático. E parece contente, mo-

rando na concentração do Mogi-Mirim ou circulando em seu Monza vermelho pela cidade, com sua cara de caboclo de bem com a vida e que sabe cultivar o bom humor. “Vou aproveitar a fase para lançar a griffe ‘Chicão’ em Mogi”, brinca, parodiando o sucesso do elegante amigo Falcão no mundo da moda. Com uma casa em Piracicaba, alguns apartamentos e economias, Chicão poderia gozar com maiores mordomias seu pé-de-meia. Mas que ninguém pense em acomodá-lo no cargo de técnico. “Estou vivo ainda”, reclama, prevendo ter fôlego para mais dois ou três anos. Aliás, seu exuberante desempenho pelo Mogi-Mirim chamou a atenção de outros clubes desejosos de atingir a Primeira Divisão. Até agora já recebeu convites do Rio Branco, Pinhalense e União São João. E disposição não lhe falta para enfrentar novos desafios: “Quando entro em campo e vejo a torcida vibrando, o estádio, por menor que seja, transforma-se em um Maracanã para mim”.

João Carlos Rodriguez

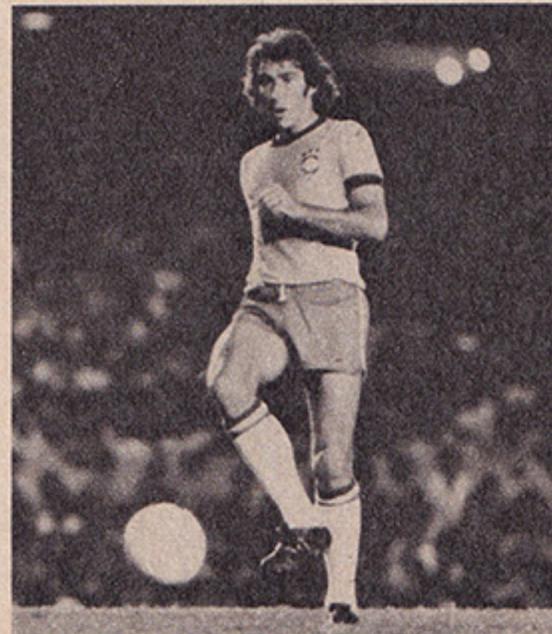
Meus Times Inesquecíveis



Ponte Preta (1972-73)



São Paulo (1973-79)



Seleção Brasileira (1977-78)



Santos (1981-82)

Atlético Mineiro (1980-81)



Londrina (1982-83)

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ